

Prefácio:

as muitas histórias da história da literatura infantil brasileira
Ana Crélia Penha Dias

Como citar: DIAS, A. C. P. Prefácio: as muitas histórias da história da literatura infantil brasileira. *In:* MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 7-10. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p7-10>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

As muitas histórias da história da literatura infantil brasileira

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras.

(Antonio Candido, “A literatura e a formação do homem”)

Ao adentrar o universo deste livro, para construir um prefácio, algumas questões, daquelas que julgamos já ter dado conta depois de pesquisas e práticas profissionais, me atingiram de sobressalto. De que conceito(s) de literatura infantil trataria esta obra? Que caminhos teria percorrido para chegar à estrutura orgânica de que se forma? Falar sobre literatura infantil é transitar em terreno movediço, não só no que diz respeito aos limites de que se cerca em termos de conceito, mas também em relação à apropriação da forma e do conteúdo para se constituir como objeto artístico.

Partindo da assertiva de Nelly Novaes Coelho, já trazida de alguma forma por Carlos Drummond de Andrade na primeira

metade do século XX, de que literatura infantil é, antes de tudo, literatura, podemos entrever que à adjetivação cumpre o papel de aproximar-se do público a que se destina, o qual está em processo de construção de um acervo de leituras, sem distanciar-se, como criação, de um projeto literário. Nesse sentido, como pensar a formação de leitores sem atentar ao subsistema literário¹ literatura infantil (e também juvenil)? As discussões em torno das fronteiras entre essa produção e seu público oferecem as nuances das transformações pelas quais tem passado o conceito ao longo da sua ainda recente história, que se confunde e conflita-se com o da escolarização, e este cenário não é exclusivo das terras brasileiras.

As relações entre literatura e educação, portanto, mostram-se ora mais próximas, ora tensionadas, em torno da dificuldade de pensar o objeto artístico como matéria de escolarização. E nesse sentido, a literatura infantil já começa sua história em certa desvantagem, uma vez que, nascida e pensada para adentar o universo da escola, é negligenciada por parte dos estudos acadêmicos, que a adjetivam como “menor”, em relação ao fazer estético literário produzido para o público não infantil. Entretanto, a despeito dessa invisibilidade, a proximidade do ambiente escolar confere à produção literária dirigida a crianças e jovens maior circulação e, conseqüentemente, índices mais generosos de vendagem e visibilização de autores, e aí se estabelecem algumas das maiores contradições, pois o mesmo meio acadêmico que luta muitas vezes pela desidentificação com a literatura infantil é responsável por selecionar obras para compras governamentais.

¹ Antonio Candido trata de sistema literário, e deste advém o conceito aqui apresentado de um subsistema, ao mesmo tempo autônomo e confluyente com o maior em que se insere.

A permeabilidade sobre as questões do próprio tempo e as experimentações da forma são absorvidas de maneira mais rápida pela literatura infantil e juvenil e, se isso não deixa de ser bom em termos de uma dinâmica de atenção ao público e de disponibilidade de reinvenção de conteúdos e formas, pode ser forte armadilha para leitores desavisados. Um exemplo desse descompasso entre processos de atualização e qualidade estética encontra sua raiz na quase ausência de discussão especializada sobre essa produção nos cursos de formação de professores, tanto na área de Pedagogia como em Letras.

E nesse sentido, este livro já na apresentação mostra o esforço de pesquisa da Professora Maria do Rosario Longo Mortatti, uma das organizadoras do volume, a qual indica desde a apresentação a gênese deste projeto, qual seja, sua inquietação nascida ainda como professora da educação básica e a consciência da necessidade de tomar parte da formação dos leitores. Esta inquietação desdobrou-se em Mestrado, Doutorado, outros livros publicados e consolidação de um grupo de pesquisa, cujos resultados vêm sendo socializados ao longo dos anos.

O resultado de uma obra que é pensada a partir de uma questão de pesquisa, planejada para atender aos encaminhamentos e cujas funções distribuídas a diferentes vozes encadeiam-se organicamente, é bem diverso de um volume de artigos em torno de um tema. E este volume ainda acrescenta o fato de parte dos autores de capítulos serem referências na atuação como pesquisadores e docentes da área, representando, como a Professora Mortatti, vozes dissonantes nos estudos literários, no sentido de se ocuparem com as reflexões sobre a formação do leitor. Ou seja, não se trata da reunião

de textos sobre literatura infantil, mas de um projeto claramente definido pela organizadora, que resulta num todo coeso e agregador de reflexões inéditas e muito necessárias ao campo.

Construir uma história das histórias da literatura infantil significa, no sentido aqui proposto, perseguir um lastro das produções mais significativas, que foram relevantes para o campo para, no plano micro, analisá-las à luz de seu tempo e, no plano macro, compreender o que cada uma e também o conjunto delas significaram como desdobramento para o que se entende por literatura infantil hoje. Além de documentação histórica de grande relevância, o volume contribui, por isso, para a compreensão de como os caminhos trilhados pelo campo desdobraram-se em meio às relações com as políticas educacionais, a criação, a crítica e a circulação das obras.

Portanto, o elenco de títulos estudados em profundidade neste livro oferece ao leitor um painel muito relevante de textos fundadores da história da literatura infantil brasileira e certamente se constituirá como uma referência dos estudos do campo, situados nas fronteiras da literatura e da educação, entrelugar da produção literária dirigida a crianças e jovens.

Rio de Janeiro/RJ, 20 de setembro de 2020

Ana Crélia Penha Dias